

# O DOMINGO

SEMENARIO - POPULAR

DIRECTORES - ALGUNS JOVENS SEM LETTRAS

COLLABORADORES - Todos os Exc.<sup>mos</sup> Snrs. e Senhoras, que o honrarem com seus escriptos1.<sup>o</sup> Anno

ASSIGNATURA—Em Braga, mez, 60 rs.—pelo  
correio 80  
ANNUNCIOS—Linha 40 rs.—Repetição 20.  
Os snrs. assignantes tem 30 p. c. d'abatimento.

ADMINISTRAÇÃO—Largo de S. Francisco n.<sup>o</sup> 9,  
para onde deve ser dirigida toda a correspon-  
dencia.

10.<sup>o</sup> Numero

## BRAGA—GUIMARÃES

**H**A dias que aquellas duas ci-  
dades sempre amigas e que-  
ridas uma da outra, se tem  
mostrado avessas e rivaes, a ponto  
da ultima querer divorciar-se da  
primeira cortando d'uma só vez o  
elo de suas relações amigaveis.

Para uma coisa de tão pouca monta não vale um desforço tamanho.

Em tudo quanto temos lido fazer-se em Guimarães, encontramos que ali reina simplesmente um gravissimo engano quer seja filho da muita precipitação com que n'aquella terra ultimamente se tem obrado, quer seja porque a patria de S. Damazo, de D. Affonso Henriques e de D. Paio Galvão, queira dos recentes acontecimentos tomar ensejo de nos agredir, tirando assim vingança d'algumas suppostas damnificações com as quaes se julgue por nós offendida.

Cremos que de lado a lado tenha havido seus piques, tudo filho d'esta effervescencia occasionada pelo amor patrio. Porém, depois d'alguns dias de repouso seguidos de um completo isolamento d'essas guerras fraticidas, podemos estar habilitados a dizer algumas palavras sinceras, que, longe de irem perturbar a boa amizade de povos amigos muito pelo contrario levarão a paz e harmonia a duas familias que tem vivido bem e hoje se dizem inimigas.

Obraria regularmente uma boa parte do povo de Braga, em aggre-  
dir por qualquer forma o ex.<sup>mo</sup> snr. visconde de Margaride, cidadão bemquisto de Guimarães e um dos procuradores á junta de districto com séde na cidade de Braga? Para nós, qualquer desforço que não seja digno não tem valor, assim como o deixar ir tudo pela *agua abaixo* não o temos como proprio; d'aqui vem, não affirmarmos que sim ou que não. O povo de Braga, pedindo um melhoramento para esta

cidade, não tinha em vista apenas o seu interesse; o seu, bem, fazia-o extensivo a Guimarães e outras terras annexas a Braga.

Senão, digam-nos: qualquer pae de familias onde quereria antes, seus filhos a frequentar as aulas, no porto, Coimbra, e Lisboa ou em Braga?

E' claro que n'esta ultima cida-

E' certo porém que semelhante manifestação em nada se dirigia a uma cidade como é Guimarães com quem temos vivido sempre em boa paz; era dirigida a um homem e nada mais. Os interesses de Braga são e estão ligados aos de Guimarães, e o snr. de Margaride, não pedia um bem para estas duas irmãs, pedia um mal. A questão não era de dinheiro ou de maior peso para os contribuintes das duas terras, pois a importancia a despender seria quasi nada e ainda que fosse muito, não se concebem melhoramentos sem sacrificio.

Pensemos pois todos n'este importante assumpto; nós, em não azedar mais os animos d'aquelles nossos irmãos com alguma razão resentidos comnosco, e mormente a imprensa pertence-lhe um papel grave e sério a desempenhar aqui; e os de Guimarães a comprehenderem que todos temos faltas, o individuo como as collectividades, a nação como os imperios, a cidade como as nações, devendo lançar o veio do esquecimento por sobre esta nossa falta e assim confraternizando uns com os outros iremos como povos iguaes em tudo só diferentes na distancia de 15 kilometros, satisfazendo aos deveres que são impostos aos bons cidadãos.



D. IGNEZ DE CASTRO

de, ha mais economia e conserva-se ainda um pouco mais esses bons costumes que formam o homem como elle deve sel-o. Via pois este povo que era contrariado por um homem que já por outras diversas vezes lhe tinha manifestado o seu desamor, e, sem pensar, sem calcular os inconvenientes e sem ser impellido a taes excessos por alguem, precipitou-se e erraria; porem este seu desforço foi tão rapido e tão espontaneo que bem longe estavam as auctoridades de pensar que seria necessario a força para o conter.



## D. Ignez de Castro

«As filhas do Mondego a morte escura  
«Longo tempo chorando memoraram;  
«E por memoria eterna, em fonte pura  
«As lagrymas choradas transformaram.

Camões—Lusiadas—C. III. E. CXXXV.

I.—Deu a **Camões** o «episodio» mais affectuoso dos **Lusiadas**—mais pathetico e mais lacrymoso—o «assassinio official» de **D. Ignez de Castro**, depois da morte coroadá rainha, por amor

fervoroso do rei consorte **D. Pedro I.**

E' d'ella o retrato *xilographico*, dado hoje aqui no **Domingo** aos leitores d'este **semanario**, como preito da redacção a uma **dama** de *formosura proverbial*, cognominada por isso com o epitheto mimoso de **collo de garça**: — «ou porque entre ás demais aves é a **garça** a que sobre-sae, ou porque da formosura da garganta recebiam sustento as perfeições do rosto de **D. Ignez**: (**Monarchia Lusitana**, Part. VII. Pag. 436).

II.—Em relação a *athenticidade figurativa*, acontece com o retrato de **D. Ignez de Castro**, o que entre nós acontece em regra com retratos de **notabilidades**, em todas e cada uma das cathogorias sociaes.

Só encontramos em these — «quando acaso isso encontramos» — *sophismas e mentiras*, e ainda sem vislumbres ao menos de *vero-similhança*: (**Julio de Castilho**, **D. Ignez de Castro**, *Drama*, Pag. 293).

III.—Na formosa cabeça da **estatua funeraria** do **tumulo real**, em **Alcobaça** erecta á *miseria e mesquinha* depois da morte rainha, ha talvez a **imagem mais antiga** da infeliz consorte de **D. Pedro I**, em trajos posthumos de rainha, e engrinaldada com a coroa soberana, metamorphoseada em aureola official de martyr.

Foi o alludido **Julio de Castilho**, no alludido **Drama** egualmente, o que primeiro vulgarisara entre nós a **imagem tumular** de **D. Ignez de Castro**, de quem acharão os leitores *noticias genealogicas* em não poucos **livros** — nacionaes uns d'elles, como o **Livro Velho das Linhagens** e o **Nobiliario** de **Conde D. Pedro**, e estrangeiros os outros como a obra

*Della Nobiltà dell'Italia* de **D. Francesco Zazzera**.

IV.—O segundo vulgarisador da mesma **imagem tumular** — «como obra estatuaría de renome e apreço digna» — foi o nosso **camonista** illustrado, «bibliologo conhecido no paiz e no estrangeiro», o distincto escriptor **Annibal Fernandes Thomaz**, senhor de rico e valioso palacete na villa da **Lousan**.

Em duas formosas edições fez esta vulgarisação o nosso cavalheiroso amigo: — uma, em formato de 4.º, na sua *primorosa publicação camoniana* **D. Ignez de Castro**, no **tricentenario de Camões** em 10 de Junho de 1880; e outra, em folio maximo, no **terceiro anniversario camoniano** em 10 de Junho de 1883.

O DECANO DO LYCEU BRACARENSE

Pereira-Caldas.

### O luxo

(Continuado do n.º 3)

**N**os seculos passados concentrava-se o luxo nos salões dourados dos reis e dos seus famulos; d'esta esphera acanhada, onde conquistara um foro magestático, não se atrevia elle a sair; mas assentando mais tarde a sua vista de lynce pela orbita opaca dos menos ambiciosos da plebe, esquecida na escuridão do infortunio, foi-se pouco a pouco propagando, enraizando; e d'essas raizes que opportunamente lançou por toda a parte, brotaram frondosas arvores, cujos abundantes troncos se espalharam desde o mais luxuriante palacio do rico, até á mais humilde mansarda do pobre, do ignorante, que dispensando, talvez, o pão, não dis-

pensará, de certo, um bom fato que a possa confundir com a *elite* palaciana, com os orgulhosos sectarios dos *hygh-life*.

E é esta aspiração systematicamente ignara, que, penetrando no encephalo de muitos entes, lega á sociedade ruinosos exemplos, gravissimos e flagrantes abusos, que continua e interrompidamente vemos deslisar-se por todas as camadas sociaes!

Muitos o condemnam pela palavra; mas poucos se evadem á sua influencia!

Muitos o criticam satyricamente nos hombros dos mais; mas são os proprios que se ufanam de fazer uso d'elle!

Muitos lhe chamam *vicio*; mas poucos deixam de partilhar d'este vicio, julgando-o indispensavel para poderem fazer carreira em qualquer dos ramos da actividade humana!

E effectivamente assim é.

Hoje os homens são considerados pelo vestuario, não pelos seus merecimentos intellectual e moral! Dá-se importancia a um valdevino de conducta duvidosa, mas que se apresenta elegantemente *ajaezado*; e vota-se ao desprezo, ao abandono a irrisão mesmo, aquelle que tem uma intelligencia comprovada e um porte irreprehensivel.

Dão-se empregos da maxima responsabilidade a ineptos que estão abaixo de tudo quanto ha de mais imbecil, de mais ignobil deshonesto, e vedam-se as portas da justiça aos que não tem uma unica mancha na sua vida, mas que são illuminados pelo pharol da virtude, a cuja luz uberrima e fecunda se inspiram!

Mas porque, perguntar-nos-hão certos ingenuos que ainda acreditam que n'este *paiz modelo* a lei

## 7 FOLHETIM

### II

#### O Criminoso

Travamos conversa.

—Oh Abreu, tu vinhas d'uma tal maneira que nem sequer deste fé de mim, lhe disse eu.

—Não admira amigo.

pois tu bem sabes o meu genio; quando o guarda me chamou e me contou o que tinha havido, fiquei d'um tal modo que eu te não posso explicar.

—Estou d'accordo com isso, porque estes acontecimentos sempre nos causam uma tal ou qual impressão.

—Exactamente.

—Que dizes tu do estado de Laura?

—Está salva e creio que não tardará a por-se a pé.

—Ainda bem porque julgava ser cousa de perigo.

—Mas diz-me, como é que foi isto!

—Olha, para te fallar a verdade não sei ainda bem qual foi o principio fundamental d'este acontecimento.

—Pois quem é que pôde saber melhor senão tu!

—Assim o devia ser, mas ha uma particularidade que eu ainda não pude descobrir.

—Temos então enygma?

—Melhor era não o-haver.

—Tu conheces Laura?

—Não, mas pelo que me parece deve ter bons sentimentos.

—Creio que sim.

—E tu não a conheces?

—Já não è a primeira vez que a vi.

—Aonde a viste sem ser hoje.

—No meu escriptorio.

—A consultar, não é isso?

—Foi ella lá na companhia de uma senhora de meia idade que era sua mãe, e foi esta que consultou ácerca de uma tísica-larynge.

—O pae anda vestido de preto e Laura tambem, naturalmente é que lhe morreu a mãe.

—E' o mais certo porque a não ser assim não andariam de luto tão pesado.

—Silencio!... Parece-me que ouvi uns gritos?!

E com effeito os gritos repetiram-se.

—Aqui d'El-rei... aqui d'el-rei.

Partimos para o lado d'onde tinham partido os gritos e pouco depois vimos dous corpos extendidos no chão.

—Que é isto senhores?



tem o seu throno, e o throno um codigo de justiça?

E nós responderemos: por dois motivos principalmente.

Primeiro—porque o homem honesto e talentoso não se presta a chancellar com o seu nome immaculado qualquer villeza que lhe seja imposta pelos que lhe fizeram a mercê de o collocar, em quanto que o imbecil, ou o mal morigerado, o discolo, como ha muito perdera o esplendido sentimento do pondonor, não tem escrupulo, orgulha-se até, em ser um vil instrumento dos que militam no campo da desigualdade.

Segundo — porque aquelle, dispondo de uma complexidade de bens, que não se compram, que só a natureza os dá, mas que todavia lhe falta o principal, ante o qual se curvam todas as realezas do mundo, —o ouro,—apresenta-se de ordinario modestamente vestido, e isso *emporcalha* a sociedade selecta que o ficta com sobrançeria; em quanto que este patrocinado por algum poder occulto, e que tem á sua disposição decantados thesouros, quando vai solicitar um cargo para que geralmente não tem competencia, veste a casaca elegante das salas, calça a aromatisada luva, e, como se isto ainda não bastasse prepara nos labios o sorriso hypocrita, os afaços, os carinhos, as blandicias, porque sente já no coração o palpitar do seu triumpho!

Eis o poder na influencia do luxo! Eis a vilissima consequencia d'elle!

(Continua)

### O festejos do 4.º de Dezembro no Seminario

Discurso pronunciado pelo tarcaimista J. A. Torres

MEUS SENHORES:

Os fervores de jubilo que hoje re-  
relampeam em nossos corações

—Foi o homem que o snr. nos encarregou de o guardar debaixo de prisão que tentou levantar-se, e na mesma occasião aquelle pobre rapaz lançou-se sobre elle para o impedir, mas o preso feriu-o no ventre, respondeu um.

O moço que fora ferido conseguiu ainda na lucta arrancar-lhe o punhal e cravar-lh'o no peito deixando-o prestes a soltar o ultimo suspiro.

Aproximamo-nos para junto do rapaz ferido e ouvimos-lhe dizer.

—Meu Deus, Vós que sois de toda a bondade e misericordia, compadecei-vos d'este grande peccador, dando-me uma boa morte e um verdadeiro arrependimento de meus peccados; perdoai ao meu assassino, que eu tambem lhe perdou-o de todo o meu coração;—e dando um

não alvejam a entoar canticos ás maravilhas da natureza, nem acolher flores para retoucar o fulgido diadema da sciencia e louros para ataviar os primores da arte, nosso intento é bem mais alto, mais elevado, mais nobre e brotado do imo d'espíritos juvenis que respiram o ar livre do céu onde descerramos os olhos á luz do dia, qual é commemorar o facto mais estupendo que relata a nossa historia—a Independencia de Portugal.

A restauração de 1640 tem por céu o arrojo do denodo, por aurora o patriotismo, por aureola a luz refulgentissima da liberdade e por alfombra o amor da patria.

O sentimento patrio é o primeiro depois do sentimento religioso. Se nada ha na natureza, que perfume tanto como as flores; nada, que a enleve tanto como as harmonias do campo; tambem nada ha para nós, como o céu aberto a nossas primeiras vistas; nada, como o berço que nos embalou e onde soltamos os primeiros vagidos; nada, como o torrão onde vertemos a primeira lagrima; nada, como o solo onde demoramos os primeiros passos; nada alfim mais doce, mais terno, mais suave, mais magico, mais arrebatador que o amor da patria, não devotado ás condições phisicas do terreno, mas como nobre sentimento que se espairose no mundo edenico de nosso coração e acraça o homem a dar em sua defeza a propria vida.

Portugal, nascido entre as fimbrias do manto da Igreja Catholica, plantado no jardim mais famoso da velha Europa, banhado pelas corollas esbranquiçadas das ondas oceanicas que vem morrer em suas praias, regado pelas fontes exuberantes da doutrina evangelica e animado com suas luzes d'uma fé vivissima irradiada do sol divino da redempção, cresceu pela Cruz e pela espada, foi grande pela heroicidade do valor e da virtude e assombrou o mundo arrojando-se aos «mares nunca d'antes navegados» e conquistando territorios immensos que sellou com o proprio sangue.

profundo suspiro, proseguiu = Senhor, não desampareis a meu irmão e a minha mãe que tanto me amava!.. dai-lhes resignação!.. Minha mãe!..

Quando estavamos dirigindo algumas palavras de consolação a este pobre moço, chegou um homem sem chapéu trazendo uma arma e quando começou a olhar para um e outro lado, deparando com o outro ferido, bradou.

—Mataste meu irmão, mas eu venho vingar-lhe a morte.

—Pondo a arma em acção de fazer fogo, tentou disparar, mas ella felizmente não expediou o projectil; impedimol-o quando fazia nova tentativa, dizendo-lhe.

—Modere a sua desesperação; não queira fazer o mesmo que elle fez a seu irmão. Qual seria o lucto

Campeou desassombrada e victoriosamente em Ourique e Aljubarrota; arroteou terrenos incultos; penetrou singrando os mares nos aridos sertões da Africa e da Asia e nas florestas virgens do Novo Mundo para espremer nos corações adormecidos na indolencia e na superstição os balsamos evangelicos, e nas intelligencias sequiosas e avidas da pura crença as esplandescentes luzes do christianismo; dilatou emfim os dominios da Igreja e da civilisação christã, suavizando o jugo da obediencia com a doçura que transpira a doutrina divina, então inoculada em seus novos subditos.

Portugal era então o assombro do mundo; as nações tremiam ao ouvir pronunciar o seu nome; os thronos vacillavam com o retinir apenas de suas armas. Mas... adormecendo nos dourados sonhos d'uma gloria immorredoura, perde a força muscular do antigo braço que manejava a espada e a energia varonil que per si só fazia estremecer os inimigos no ardor do combate, acorda manietado pelos grossos grilhões que a Hespanha lhe tecera emquanto dormia ocioso e recostado no leito de tropeus das victórias que lucrara ganhar no passado.

Foi então que do apôgeu a que a tinham os heroismos dos antepassados resvalou no pó do esquecimento; perdeu n'um momento o que havia grangeado á custa de tanto sangue. As nações são assim! Trilham como a vida humana uma senda ora tapizada de flores ora erigada d'espinhos.

Portugal não podia jazer por muito tempo sob o pezo das algemas que lhe abafaram as aspirações de se dilatar pelo mundo inteiro; por isso, lembrado das immensas victorias que o haviam immortalisado no passado e não podendo respirar d'ora ávante a atmosphera asphixiante em que vivia, tenta sacudir o ferreo jugo do despotismo intimamente convencido de que a obediencia ao tyranno não legitima o poder, mas é apenas filha d'uma ne-

que o snr. tiraria em o privar da vida.

—A vingança da morte de meu querido irmão!

—Mas essa vingança pôde fazer-se d'outra maneira, alem d'isso a morte para elle, n'esta occasião, talvez a estimasse muito.

—Para eu ficar alguma cousa satisfeito era só em o matar e mais nada.

—Mas não sabe que se o matasse, os soffrimentos para elle acabavam completamente? Depois o snr. tinha de responder por essa morte.

(Continua)

Joaquim J. de Sousa.

cessidade inherente á nossa natureza social.

(Continua)

À PATRIA

«Jardim d'Europa á beira mar plantado,  
Formosa Lusitania, Céu ridente,  
Perfumado vergel do adolescente,  
De genio e inspiração solo fecundo;  
Que sopeaste o orgulho das nações  
E venceste titanicas batalhas,  
Alçando tuas Quinas nas muralhas  
Do Velho e Novo mundo;

Tu que levaste ás plagas mais remotas  
Teu labaro immortal e triumphante,  
E da lucta voltaste sempre ovante,  
Coroados dos louros da victoria;  
E que ao mundo offercezes orgulhosa  
Exemplos da mais rara valentia,  
D'esforço, d'heroismo e galhardia  
Em teus padrões de gloria:

Viste teus filhos prostituir-se um dia,  
Roer-te o seio a traça do egoismo,  
E as virtudes heroicas, o civismo  
Esfriarem nos peitos portuguezes.  
Ajoelhas-te ante o throno de Castella,  
Deixaste-te algemar por essa fera,  
A quem de tuas armas a tempera  
Mostraste muitas vezes!

Mas veio-te depois o desengano;  
Caiu-te aos pés a venda tenebrosa.  
Sentiste-te humilhada, a Poderosa  
A resvalar covarde no abysmo!  
Despertaste fremente, aliucinada,  
Do triste pesadelo em que dormias,  
E ao mesmo tempo que os grilhões partias,  
Gritaste: «Patriotismo!»

E teus filhos gritaram—liberdade!  
N'um arrojado esforço patriótico,  
Elles que ainda dormiam ao som narcótico  
Do ribombar medonho da procella.  
Liberdade—era o brado que soava,  
O ideal fagueiro e bello que sorria,  
A aurora radiante que fulgia  
Aos servos de Castella.

Era que n'esses peitos quasi frios  
Ainda crepitava uma centelha  
D'aquelle amor da patria que s'espelha  
Nos Egas e nos Castros, nos Camões,  
Esses astros brilhantes, luminosos,  
Que escrava te lusiam como esp'rança,  
Apontando-te o porto de bonança  
Nas negras cerrações.

Era que a fama das victorias tuas  
Soava ainda altisona aos ouvidos  
Dos filhos que queriam arrendidos  
defender a bandeira lusitana,  
Combater pelas patrias liberdades,  
Acatar as virtudes, o civismo,  
E repellir o bruto despotismo  
Da nação Castelhana

Esse echo ruidoso do passado  
Era a voz lacrimosa e commovente  
Da patria que chorava amargamente  
O viver dissoluto de seus filhos.  
Oh! sim, da patria que vertia lagrimas  
Do seu vasto poder sobre os destroços,  
E sobre os santos veneraveis ossos

Mas eram portuguezes esses peitos.  
Fulgia-lhes mais bella a luz da esp'rança,  
E juraram nos estos da vingança  
Destronisar a hespanica opulencia.  
E ardendo no amor da liberdade,  
Pelejaram um combate de gigantes,  
As Quinas arvorando triumphantes,  
Signal da—Independencia,

A. I. Ribeiro.

LITTERATURA

A MARIA

na festa de sua immaculada Conceição

(SUPPLICA)

Um momento n'esta vida  
Não me deixe o teu amor!  
Faz do fraco um homem forte,  
E por mim pede na morte  
Na presença do Senhor!

C. Castello Branco.

Attendei, ó Virgem Santa,  
Minha prece enternecida!  
Alva perola que me encanta  
Na procella d'esta vida!

Eu que vejo, em luta immensa,  
Negro abysmo a tanta dor!...  
Cumpre Deus minha sentença  
Seja triste o meu labor!

Mas tu pódes, Virgem pura,  
Dar-me a paz, consolação  
N'esta senda d'amargura  
Em que a volta a —ingratidão!

Do empyreo aonde habitas,  
Throno excelso do Senhor,  
Oh! mandae para o que soffre  
Grata luz do teu amor.

Madeira.

Joaquim Pestana.

SCENAS ALEGRES

A um estudante que passava por  
uma dama quando ia repetindo uma li-  
ção de grammatica nos verbos, pergun-  
tava-lhe ella:

—Que significa a palavra «preterito»  
de que o Sr. tanto usa?

—Preterito, minha senhora, é o que  
fica para traz.

Passados dias perguntava aquella  
dama á sua creada de quarto se sua  
ternura lhe ficava bem no preterito.

N'uma aula:  
Professor — Menino, diga o Padre  
Nosso.

Discipulo—«Padre Nosso que estaes  
no ceu santificado...»

Mestre—Ande diga para diante seu  
burro.

Discipulo—«seja o vosso nome...»  
etc.

No barbeiro:

Então dizem que ha por ahi muitas  
moedas de dois tostões falsas, hein?

—Não sei nada. E como é que se  
podem conhecer!

—Muito bem: recebe-se todo o di-  
nheiro n'essas moedas que derem á  
gente, depois vae-se fazer compras com  
elle, e aquelle que não for aceite é pre-  
cisamente o falso.

João Pinto Ribeiro

No «artigo» João Pinto Ri-  
beiro, inserto no Domingo an-  
terior, onde no «numero» VII está  
impresso João Pinto Ribeiro,  
—nome do patriota de 1640—deve  
lêr-se João Pedro Ribeiro, no-  
me do auctor do Índice Chro-  
nologico citado. — São duas per-  
sonagens diversas.

A NOSSA CARTEIRA

Associação Catholica. Na casa  
d'esta associação haverá ás 7 horas  
da noite de 8 do corrente, uma ses-  
são solemne, em honra da Imma-  
culada Conceição.

Aula de desenho industrial.—  
Ponderam-nos varios operarios que  
nutriam a esperanza de tomar par-  
te d'aquelle ensino, que o não po-  
dem fazer em virtude da hora que  
foi escolhida para ella funcionar;  
pois sendo das 6 até ás 8 horas da  
noite e sendo muitos d'elles obriga-  
dos a fazer até esta hora serão, não  
podem comparecer como desejavam.  
Portanto, pedimos ao seu muito di-  
gno professor que, quando não haja  
n'isso inconveniente algum a faça  
ter logar das 8 ás 10. Sendo assim  
o resultado será mais proficuo.

Erratas do nosso ultimo n.º 9.—  
Na «restauração da patria», ter-  
ceiro periodo onde se diz *hovesse*  
deve ser *houveram*; na poesia—Sal-  
ve! dia 1.º de dezembro—no pri-  
meiro verso onde se lê *heroes* deve  
entender-se *horrores*.

Os patacos.—Terminarão no dia  
31 do corrente; por isso avisamos  
a todos que ainda conservam di-  
nheiro velho em cobre o vá substi-  
tuir até aquella data.